

Desenvolvimento e Catching-up - 01

Na busca por lucratividade, as nações perseguem a redução de custos de produção, aumento da produtividade, incremento dos investimentos, fortalecimento das instituições de P&D, geração de inovação tecnológica e, conseqüente, ganho de mercado global e acúmulo de riqueza². Como colocam Abramovitz & David (1995, p.1) a partir daí, uma comparação entre as nações, quanto aos seus estágios de desenvolvimento e capacidade produtiva, poderia ser vista como um tipo de corrida³.

Nesta corrida, além dos fatores ambientais, à medida em que as nações alcançam determinados estágios de desenvolvimento e conseguem ir acumulando infraestrutura, equipamentos e tecnologias, o nível de produtividade tenderia a crescer menos⁴, dando oportunidade para que os seguidores se aproximem. Nesse *continuum*, o líder, para manter sua posição, necessita estar buscando de forma permanente novas tecnologias e novos mercados.

Na perspectiva de discutir os contornos destes conceitos, Bresser Pereira (2007, p.1) define o que seria o “desenvolvimento econômico de um país ou estados-nação é o processo de acumulação de capital e incorporação de progresso técnico ao trabalho e ao capital que leva ao aumento da produtividade, dos salários, e do padrão médio de vida da população”.

O desenvolvimento econômico supõe uma sociedade capitalista organizada na forma de um estado-nação onde há empresários e trabalhadores, lucros e salários, acumulação de capital e progresso técnico, um mercado coordenando o sistema econômico e um estado regulando esse mercado e complementando sua ação coordenadora. (...) O aumento da produtividade ou da produção por trabalhador ocorre tanto na produção dos mesmos bens através da redução sistemática da quantidade de trabalho simples utilizado, quanto através da transferência da mão-de-obra para setores com maior conteúdo tecnológico ou maior valor adicionado per capita (PEREIRA, 2007, p.1)

Esse movimento que converge os intuitos das distintas economias (*catching-up*) aponta o processo em que as nações em desenvolvimento buscam se aproximar do estágio de progresso técnico e nível de riqueza acumulada dessas economias mais desenvolvidas.

Para Abramovitz (1986, p.386), quanto maior o hiato tecnológico, maior é o potencial de crescimento da produtividade. O processo tende a oferecer, potenciais vantagens para os seguidores (em processo de *catch-up*) quando estes tem a possibilidade de passar,

¹ Como citar: REIS FILHO, Paulo. Desenvolvimento e Catching up. Artigos Técnicos. Laboratório de Cenários da Agência UFRJ de Inovação. Ano.2. Vol.12, 2018. Disponível em: http://www.inovacao.ufrj.br/images/vol_12_desenvolvimento_catching_up_01_2018.

² Os autores clássicos já apontam este processo como sendo a principal força de impulso do progresso técnico.

³ No entanto, é um tipo de corrida onde, não necessariamente, o líder está sempre na melhor condição. Na medida em que a economia é influenciada e impactada, constantemente, por variáveis estruturais, em situações de criticidade contextual, a posição de seguidor pode ser mais confortável e segura.

⁴ O crescimento da produção de um determinado bem tende a tornar-se cada vez menor, à medida que as unidades de um dado fator produtivo aumentam.

com maior facilidade, pelos caminhos já trilhados pelos países mais avançados, permitindo, dessa forma, maior velocidade e agilidade na busca por posições competitivas.

O processo de *catch-up* é (auto)limitado, na medida em que a substituição de tecnologias obsoletas por tecnologias mais avançadas se tornam cada vez menores. Dessa forma, a produtividade do país seguidor tende a convergir para os níveis do país líder, o potencial de crescimento diminui (ABRAMOVITZ, 1986, p.387).

Neste contexto, como coloca Chang (2003 e 2004) é frequente, nas economias em processo de *catching-up*, a presença de grandes desafios referentes ao ritmo e à dinâmica dos processos associados, dessa forma, comenta sobre este momento de transição:

(...) a passagem para atividades de maior valor agregado não ocorre naturalmente, razão pela qual é condição *sine qua non* que este processo seja induzido por políticas industriais, comerciais e tecnológicas ativas. Ele ressalta que embora as instituições possam ser mais difíceis de mudar do que as políticas, ambas devem estar alinhadas. Ele propõe ainda uma teoria sobre o Estado Desenvolvimentista, que possui essencialmente dois papéis: empreendedor e gerenciador de conflitos (Chang, 2003)

É fundamental para o entendimento do exposto, o avanço das estruturas que delinearão a lógica do P&D, ao longo das últimas décadas. Começando com Friedrich List (1835), depois por Vannevar Bush (1945) e mais tarde por Sábato (60's), Freeman e Lundval (70's) , e pela Triple Helix de Etzkowitz (90's), a sistemática de articulação entre os atores componentes da vida produtiva de um país, instituições (+) governo (+) universidades (+) corporações – é o grande foco de atenção de estruturação dos candidatos emergentes.

Desenvolvimento

Na perspectiva da economia, o desenvolvimento, como na fala de Furtado (1961, p.115-116) seria “o aumento do fluxo de renda real, isto é, incremento na quantidade de bens e serviços por unidade de tempo à disposição de determinada coletividade”. O conceito trata de ascensão do poder de compra e do incremento do sistema de demanda e oferta de bens.

Assim, o desenvolvimento pode ser percebido como um processo de transformação evolutiva e positiva, que abrange todo o contexto situacional de uma região, em suas várias dimensões – econômica, tecnológica, política e social.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento industrial representa um conjunto atividades de produção as quais envolve, de forma estruturada e sistêmica, instalações fabris, com máquinas, equipamentos, intenso consumo de energia e alocação de postos de trabalho, para reunir, combinar e transformar matérias-primas em bens de consumo (mercadorias).

Poucos são os outros conceitos nas Ciências Sociais que têm-se prestado a tanta controvérsia. Conceitos como progresso, crescimento, industrialização, transformação, modernização, têm sido usados

frequentemente como sinônimos de desenvolvimento. Em verdade, eles carregam dentro de si toda uma compreensão específica dos fenômenos e constituem verdadeiros diagnósticos da realidade, pois o conceito prejudica, indicando em que se deverá atuar para alcançar o desenvolvimento (SCATOLIN, 1989, p.06)

A ideia do desenvolvimento sustentável, vai tratar da perspectiva de se alcançar o desenvolvimento econômico - atendendo as demandas sociais e infra-estruturais de determinada região, “sem comprometer a capacidade das novas gerações atenderem às suas próprias necessidades” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991, p.46). Essa visão impacta e implica na atenção permanente aos riscos e efeitos colaterais associados a qualquer atividade produtiva do ser humano – minimizando o desperdício e a agressão ao meio ambiente; e maximizando a produtividade e as possibilidades de distribuição de renda (e recursos).

O desenvolvimento da indústria, dessa forma, é por muitos, considerado sinônimo de desenvolvimento econômico. Nesse sentido, a industrialização pode ser confundida com crescimento econômico e, portanto, como na fala de Scatolin (1989, p.16), “entendida a um só tempo como a solução para os problemas enfrentados pela América Latina e o caminho para o desenvolvimento”.

Vale lembrar que o crescimento econômico, como conceito, está associado ao produto interno bruto - ou seja, a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade em um ano.

(...) o crescimento econômico é condição necessária para o desenvolvimento humano (e social) e a produtividade é componente essencial desse processo. Contudo, o crescimento não é, em si, o objetivo último do processo de desenvolvimento; tampouco assegura, por si só, a melhoria do nível de vida da população (PNUD, 1996, p.01).

De forma distinta, o desenvolvimento econômico se estrutura de forma mais abrangente, buscando envolver as questões de bem-estar social – índice de desenvolvimento humano, acesso aos serviços básicos, analfabetismo, taxa de desemprego, etc. Muitas evidências apontam que o desempenho econômico das nações mais ricas, parece estar diretamente associado à sua capacidade industrial e que, da mesma forma, parece implicar, diretamente, na melhor qualidade de vida de suas populações.

Segundo o Manual de Oslo (OCDE, 1997, p.13), o desenvolvimento tecnológico e a inovação são cruciais para o crescimento da produtividade e do emprego. Assim, o desenvolvimento, seja industrial, tecnológico ou econômico, estarão, de alguma forma, em associação direta com o potencial de um país de gerar novos postos de trabalho, ampliando oportunidades de acesso ao mercado produtivo e, em consequência, à melhoria da qualidade de vida da população.

A tarefa de alcançar níveis satisfatórios de atividade econômica e promoção de qualidade de vida positiva para a população – *catching up*, deve estar baseada no uso competitivo do composto de recursos, formação de competências, capacidade de absorção tecnológica, capacidade de produção de novos conhecimentos, capacidade de importar tecnologia e capacidade de barganha e negociação.

(...) na globalização, a divisão internacional do trabalho entre países ricos e países de renda média segue uma regra simples: as tarefas com maior valor agregado per capita, que não são padronizadas nem codificadas e que exigem mão-de-obra mais qualificada, composta principalmente de gerentes e comunicadores, seriam realizadas em países ricos que têm abundância desse tipo de mão-de-obra, enquanto as tarefas padronizadas ou codificadas seriam transferidas para trabalhadores com baixos salários nos países em desenvolvimento (PEREIRA, 2012, p.48)

O *catching up*, é a busca permanente por posição competitiva, busca por fazer parte do jogo comercial, busca por acessar as 'escadas'⁵ de acesso às novas tecnologias e, em decorrência, busca pela possibilidade de oferecer para a população, melhores condições de vida.

Referências

- ABRAMOVITZ, M. Catching up, forging ahead, and falling behind. *The Journal of Economic History*, New York, v.46, n.2, p.385-406, 1986.
- ABRAMOVITZ, M.; DAVID, P. Convergence and Deferred Catch-up Productivity Leadership and the Waning of American Exceptionalism. In: LANDAU, R.; TAYLOR, T.; WRIGHT, G. *Growth and Development: The Economics of the 21st Century*. Stanford CA: Stanford University Press, 1995.
- CHANG, H. *Globalisation, economic development and the role of the state*. London, New York : Zed Books, 2003.
- CHANG, H. *Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*. São Paulo : Editora UNESP, 2004.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. *Nosso futuro comum*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1991.
- ETZKOWITZ, H. Hélice Tríplice: metáfora dos anos 90 descreve bem o mais sustentável modelo de sistema de inovação. *Revista Conhecimento e Inovação*, Campinas, v.6, n.1, 2010. Entrevista concedida a Luciano Valente.
- ETZKOWITZ, H. Innovation in innovation: the triple helix of university-industry government relations. *Social Science Information*, , v.42, n.3, p. 293-337, 2003.
- FREEMAN, C. "The National System of Innovation in Historical Perspective", *Cambridge Journal of Economics*, n.19, p. 5–24, 1995.
- FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- LUNDEVALL, B-Å. *National Innovation Systems: Towards a Theory of Innovation and Interactive Learning*, Pinter, London, 1992.
- OECD. *Manual de Oslo: Proposta de diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação tecnológica*. (Trad. FINEP, 2004), 1997.
- PEREIRA, B. *Crescimento e desenvolvimento econômico*. Paper. Fundação Getúlio Vargas. 2007. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/Papers/2007/07.22.CrescimentoDesenvolvimento.Junho19.2008.pdf>.
- PEREIRA, B. *Globalização e competição*. RJ: Campus/Elsevier, 2012.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). *Relatório sobre desenvolvimento humano no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA/PNUD, 1996.
- SÁBATO, J., *El triángulo nos enseña donde estamos* ("The triangle shows us where we stand"). In: Sábató, J., *Ensayos en campera*, Juárez Editor, 1979.

⁵ Friedrich List (1846) cunhou a frase "kicking away the ladder", para caracterizar a parte do jogo comercial, onde as nações mais ricas, criam obstáculos e restrições para o crescimento competitivo de nações emergentes.

SCATOLIN, Fábio Dória. Indicadores de desenvolvimento: um sistema para o Estado do Paraná. Porto Alegre, 1989. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.